



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 29/06/18

<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Mercado de hacienda se encamina hacia la entre-zafra .....	2
Precio del novillo retrocedió 8 por ciento en 2018 .....	2
Prevén fuerte baja de exportaciones en el mes de junio .....	2
Crece la faena de animales más jóvenes por la demanda externa de mayor calidad .....	2
Brasil exportó carne enfriada a Israel por primera vez .....	3
Brasil: San Pablo debate proyecto para prohibir las exportaciones de ganado en pie .....	3
Afectaría nivel de empleo y de actividad en el sector .....	4
Abrafrigo y Abiec lograron medida judicial para no retener Funrural .....	4
Rabobank advierte dificultades para prever el curso de las exportaciones en la segunda mitad de 2018	4
<b>URUGUAY</b> .....	<b>5</b>
Precios sostenidos de la hacienda y en la exportación .....	5
El 17% de los animales faenados provienen de corrales de engorde .....	5
Argentina y Brasil, una “amenaza instalada” para la carne uruguaya.....	6
Un año de certezas para cuota 481 .....	6
La preñez de bovinos llegó a 75,6% promedio en año difícil por sequía .....	7
Salieron 9.265 vientres Angus con destino a China .....	9
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>9</b>
RUSIA suspende compras de dos frigoríficos paraguayos residuos de antibiótico .....	9
Carne gana en Rusia y cede en Chile .....	10
Denuncias cruzadas de cohecho .....	10
SENACSA ajusta controles sobre los animales .....	11
Sistema SIGOR es muy vulnerable, según MAG .....	12
<b>UNIÓN EUROPEA</b> .....	<b>12</b>
Comisión Europea se dispone a renegociar Acuerdo ACP .....	12
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>12</b>
Ganado encerrado alcanzó un récord: fue el mayor desde que se recopila el dato .....	12
Sequía impone un reto a los productores. Liquidan planteles .....	13
Alta producción de carne bovina continuará presionando en el mercado.....	14
Exportaciones de carnes bovinas buen desempeño en abril de 2018.....	15
Proyección de la producción de carnes de 2018 fue modificada.....	15
Farm Bill: Senado avanzó en su tratamiento.....	15
<b>CHINA levanta prohibición sobre FRANCIA y el REINO UNIDO</b> .....	<b>15</b>
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>17</b>
BRF vendió acciones de Minerva. Participación en la empresa se redujo al 6,8%.....	17
Frigorífico Florida (URUGUAY) comenzó esta semana con la faena de vacunos .....	17
Minerva se aprobó creación de subsidiaria en CHILE .....	18



## **BRASIL**

### **Mercado de hacienda se encamina hacia la entre-zafra**

Sexta-feira, 29 de junho de 2018 A oferta de boiadas diminuiu na maior parte do país e os reflexos começam a ser sentidos nas cotações da arroba do boi gordo.

No fechamento da última quinta-feira (28/6), a arroba do boi gordo negociada à vista em São Paulo subiu pelo segundo dia seguido após longo período de estabilidade. Houve negócios acima dessa referência, normalmente para lotes maiores e boiadas próximas das indústrias.

Na praça de Dourados-MS, onde não chove já há algum tempo, a dificuldade de compra das indústrias mantém as cotações firmes e a “cara” do mercado na região é de entressafra. Após a alta de 28/6, a arroba do boi gordo acumula valorização de 1,6% na semana.

Em Rondônia, as escalas estão curtas, os compradores precisam de boiadas para começar os abates da próxima semana e, diante disso, o mercado ganhou firmeza. A referência para a arroba do boi gordo ficou em R\$127,00, à vista, livre de Funrural, alta de 0,8% frente ao levantamento do dia anterior.

No mercado atacadista de carne bovina com osso, as cotações fecharam em queda. A carcaça de bovinos inteiros está cotada em R\$8,55/kg. O consumo piorou na última semana do mês e pressionou negativamente esse mercado.

### **Precio del novillo retrocedió 8 por ciento en 2018**

Portal DBO - 28/06/2018 De acordo com o Cepea, mercado registra a mesma tendência do primeiro semestre do ano passado

Tomando-se como base os valores médios mensais do Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa (estado de São Paulo), deflacionados pelo IGP-DI de maio/18, verificam-se quedas consecutivas desde o início de 2018. No acumulado do primeiro semestre deste ano, o Indicador registra baixa de 9,23%. Essa é a mesma tendência observada em 2017, quando a queda acumulada de janeiro a junho foi de 11,55%, segundo dados do Cento de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea).

Em 2018, o ritmo de negócios tem sido fraco, com frigoríficos adquirindo lotes apenas quando há maior necessidade. Além disso, pesquisadores do Cepea indicam que, após as exportações da carne terem registrado bom desempenho no primeiro trimestre do ano, diminuíram fortemente a partir de abril, contexto que elevou o volume de produto disponível no mercado interno e pressionou as cotações da arroba, já que o varejo doméstico não conseguiu absorver todo o volume.

No ano passado, por sua vez, a operação “Carne Fraca” (deflagrada em março), a delação da maior indústria frigorífica brasileira (que resultou em forte redução da compra de animais por parte desse grande player) e a retomada do desconto de Funrural desfavoreceram os negócios efetivados pelo pecuarista de engorda no primeiro semestre e pressionaram os valores da arroba.

### **Prevén fuerte baja de exportaciones en el mes de junio**

Portal DBO - 18/06/2018 Caso média diária de exportações se mantenha, também será o pior desempenho para junho desde 2003

A média diária das exportações de carne bovina atingiu 2,54 mil toneladas no acumulado de junho, até sexta-feira, 15, e “caso o ritmo se mantenha nos 10 dias úteis faltantes, o mês atual se encerrará com o pior volume desde janeiro de 2011 (51,76 mil toneladas) e também com o pior embarque para um mês de junho desde 2003, quando foram exportadas 47,31 mil toneladas”, avalia a XP Investimentos com base em dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) divulgados nesta segunda-feira, 18.

Nos 11 primeiros dias úteis de junho, o País embarcou 27,9 mil toneladas de carne bovina in natura, forte retração de 72% quando comparada ao total de 99,6 mil toneladas exportadas em igual período de 2017. Segundo a XP, parte do desempenho negativo está atrelado à greve dos caminhoneiros.

A corretora ainda destaca que, ao mesmo tempo, o setor de proteína animal segue “sofrendo com sanções sanitárias e medidas protecionistas (antidumping) dos compradores internacionais”, em referência à recente imposição de taxas da China para as importações brasileiras de frango.

### **Crece la faena de animales más jóvenes por la demanda externa de mayor calidad**

Portal DBO - 21/06/2018 Operadores do mercado pecuário têm relatado um número crescente de efetivações de animais mais jovens. A preferência de frigoríficos pela compra de novilhos machos e fêmeas pode ser explicada pela atuação de empresas em mercados que demandam maior qualidade – inclusive associada à idade dos animais – e que pagam valores superiores por essa carne, como o chinês.

Segundo colaboradores do Cepea, a produção de animais que atingem os requisitos de abate precocemente também tem sido estimulada – a possibilidade de se obter melhores remunerações é



determinante para a decisão de investir na produção de animais com ciclos de produção menores que o habitual.

Dados da pesquisa trimestral de abate do IBGE, divulgados no último dia 14, apontam aumento mais significativo do número de animais jovens abatidos no Brasil neste ano. Na comparação com o primeiro trimestre de 2017, o de 2018 registrou número 4,4% superior no abate total de bovinos, que passou de 7,4 milhões para 7,7 milhões de animais.

### **Brasil exportó carne enfiada a Israel por primera vez**

28 de junio de 2018 En mayo Brasil realizó su primer exportación de carne vacuna enfiada a Israel. El embarque fue posible gracias a una serie de garantías técnicas que elevaron el plazo de validez de la carne vacuna enfiada a ese país a 85 días, según informó la Asociación Brasileña de Industrias Exportadoras de Carne Bovina (Abiec).

A pesar de que los volúmenes son pequeños, este embarque puede abrir oportunidades para la ampliación de la participación brasileña en el mercado israelí, uno de los veinte mayores importadores de carne bovina del mundo.

Actualmente, la mayor parte de las exportaciones a Israel son de cortes delanteros, pero la expectativa es que, a partir de los embarques de carne enfiada, sea posible ampliar la cantidad de cortes enviados al país. "La información que tenemos es que cortes como la picanha agradan al consumidor israelí, lo que puede ser una gran oportunidad de negocios para Brasil", destacó el presidente de Abiec, Jorge Camardelli.

En el año 2017 las exportaciones brasileñas de carne vacuna a Israel totalizaron 18.884 toneladas, un crecimiento del 25% respecto al año anterior. En facturación, las exportaciones cerraron en US\$ 89.291 millones, un avance del 22% interanual.

### **Brasil: San Pablo debate proyecto para prohibir las exportaciones de ganado en pie**

28 de junio de 2018 La posible suspensión de la exportación de ganado en pie desde el Estado de San Pablo está generando resquemores en el país norteño. De concretarse la prohibición, se teme que pueda afectar el comercio con países árabes, principales destinos del ganado en pie brasileño.

La votación del proyecto de ley que prohíbe la exportación de ganado en pie en San Pablo, Brasil, fue suspendida este martes por falta de tiempo. Se llevaría adelante en la Asamblea Legislativa estadual.

"Es un producto importante, principalmente para Egipto, que está prefiriendo comprar ganado vivo en lugar de sólo carne", señaló Michel Alaby, secretario general de la Cámara de Comercio Árabe-Brasileña, informó el portal DBO.

Consideró que la prohibición no es correcta, teniendo en cuenta que los animales son tratados de forma adecuada en el embarque y desembarque. "Pero es evidente que preferiría vender más carne congelada y enfiada, porque se crea mano de obra local, y no se vende el ganado vivo", apuntó.

21/06/18 - por Equipe BeefPoint

O Projeto de Lei 31/2018, que proíbe o embarque de animais vivos para fins de abate no Estado de São Paulo, deve entrar na pauta para votação na Assembleia Legislativa no próxima terça-feira (26/6). A informação é do deputado estadual Feliciano Filho (PRP), autor da proposta. Ele e cerca de 40 ativistas se reuniram com o presidente da Assembleia, Cauê Macris, na noite da terça-feira (19/6), com o objetivo de marcar uma data para votação do projeto. Na prática, a lei inviabilizaria a exportação de gado vivo no Estado. Segundo o deputado, Macris garantiu que o PL estará na pauta do dia 26.

Ao anunciar no Facebook que o projeto irá à votação, Feliciano escreveu que "existem laudos veterinários contrários ao embarque e juízes, procuradores e promotores também já publicaram pareceres contra essa atividade. O sofrimento dura de 15 a 20 dias em embarcações quentes, imundas e apertadas. Estamos vendo até mesmo casos de bois que se jogam ao mar em tentativas desesperadas de fugir desses navios da morte, como foi o caso documentado do boizinho Herói, que na semana passada pulou de um navio e nadou por cerca de 5 horas em águas geladas até ser resgatado".

Feliciano se refere ao episódio do dia 14 de junho, quando um boi foi resgatado na Praia das Cigarras, em São Sebastião, após ter caído do navio Aldelta, que estava no porto da cidade. O animal ficou cerca de 5 horas na água até ser encontrado por um veleiro próximo à praia. Após o resgate, ele voltou ao navio. Segundo a Companhia Docas de São Sebastião, responsável pelo porto, um veterinário a bordo do navio avaliou que o animal estava em boas condições e podia seguir viagem.

Na segunda-feira (18/6), o governador de São Paulo, Márcio França, manifestou-se nas redes sociais apoiando o PL 31/2018, e garantiu que sancionará a lei assim que o projeto for aprovado na Alesp. A declaração gerou resposta da Sociedade Rural Brasileira (SRB), que divulgou na terça-feira (19/6) uma nota de repúdio.

Feliciano Filho apresentou o PL 31/2018 no dia 9 de fevereiro, quatro dias após a partida do Navio Nada, que ficou uma semana retido no Porto de Santos. Com cerca de 20 mil bois a bordo e com destino à



Turquia, o navio foi impedido de zarpar após a intervenção de ativistas, que alegavam maus-tratos aos animais, e também por uma liminar judicial que determinava o desembarque dos bois.

### ***Afectaría nivel de empleo y de actividad en el sector***

25/06/18 - por Equipe BeefPoint

O diretor executivo do Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados no Estado do Rio Grande do Sul (Sicadergs), Zilmar Moussalle, afirma que as exportações de gado vivo são prejudiciais para o mercado de trabalho brasileiro e para a indústria.

“Essas exportações não geram empregos, prejudicam os frigoríficos e também setores como o de couro e farmacêutico, que dependem da matéria-prima da pecuária”, disse em nota. Com um posicionamento contrário ao de outras entidades do setor, o Sicadergs é favorável ao Projeto de Lei 31/2018, que proíbe o embarque de animais vivos no transporte marítimo a partir de São Paulo com a finalidade de abate para consumo.

Nesta semana, a Sociedade Rural Brasileira (SRB) divulgou nota de repúdio ante a decisão do governador de São Paulo, Márcio França, de apoiar o projeto. O comunicado informava que a SRB tinha o apoio de outras entidades do setor, dentre elas a Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat), Associação Nacional da Pecuária Intensiva (Assocon) e a Associação Brasileira dos Exportadores de Gado (Abeg).

A votação do Projeto de Lei está marcada para ocorrer no dia 26 de junho, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp).

### ***Abrafrigo y Abiec lograron medida judicial para no retener Funrural***

27/06/18 - por Equipe BeefPoint Em decisão da juíza Kátia Balbino de Carvalho Ferreira, da 3ª Vara da Justiça Federal de Brasília, do dia 22 de junho passado, a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) obteve antecipação de tutela para que não seja exigido de seus associados a “retenção e o recolhimento por sub-rogação dos débitos referentes à contribuição do Funrural e do seguro acidente de trabalho”.

Segundo o presidente executivo da entidade, Péricles Salazar, “é uma grande vitória de todos os associados”. O encaminhamento jurídico da solicitação da entidade foi feito pelo escritório Tarosso Advogados Associados, de Curitiba.

Embora o STF tenha decidido em março passado pela constitucionalidade formal e material do Funrural, não houve qualquer referência a sub-rogação, ou a obrigação da empresa ou pessoa jurídica que adquire o boi do produtor rural reter a parcela do imposto e efetuar o seu recolhimento aos cofres públicos.

A sub-rogação é o ponto que a Abrafrigo considera inconstitucional, porque, para a entidade, a obrigação de recolher o tributo é do produtor e não da empresa, o que baseou a decisão da juíza para conceder a antecipação de tutela, enquanto a questão não for julgada em definitivo.

“Entretanto, como se trata de uma decisão liminar, as nossas entidades sugerem para todos os frigoríficos filiados que continuem retendo e recolhendo a contribuição do Funrural, da forma como se encontra hoje”, informam as associações em nota.

### ***Rabobank advierte dificultades para prever el curso de las exportaciones en la segunda mitad de 2018***

19/06/18 - por Equipe BeefPoint

As exportações brasileiras de carne bovina cresceram 17% entre janeiro e maio de 2018, comparadas ao mesmo período de 2017. Em maio, apesar da paralização nacional dos caminhoneiros, as exportações de carne bovina se mantiveram estáveis em relação ao mesmo mês do ano passado.

Adicionalmente, é importante destacar que, também em maio, o Brasil foi reconhecido pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) como livre de aftosa, o que deve aumentar as possibilidades de acesso a mercados no exterior – como, por exemplo, a venda de carne com osso para China. De toda forma, como consequência dos efeitos da greve ao longo da cadeia e o tempo demandado por cada elo para normalização das atividades, ainda restam incertezas quanto à capacidade de crescimento das exportações nos próximos meses.

As dúvidas também permanecem quando analisadas as expectativas quanto à demanda interna no segundo semestre, já que o crescimento econômico – e, consequentemente, o potencial de incremento no consumo doméstico – permanece sendo revisado para baixo.

Em relação à oferta, estima-se que a cadeia produtiva precisará de um período entre 30 e 60 dias para normalizar as operações. No entanto, diferentemente das incertezas quanto à demanda interna e exportações, a oferta deve manter tendência de crescimento em 2018.

Considerando a entrega de animais que ficou represada durante a paralização e a pressão da entrada da seca na qualidade das pastagens, a oferta deve aumentar pontualmente e as cotações do boi gordo devem sofrer pressões baixista até a total normalização das atividades.



## URUGUAY

### Precios sostenidos de la hacienda y en la exportación

Junio 29, 2018 Mientras se amplía la brecha respecto a un año atrás, sigue la estabilidad de valores por el ganado gordo

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

El precio de exportación de la carne vacuna sigue dando señales positivas en el mercado. La semana pasada, puntualmente, logró su segundo mejor promedio en lo que va del año, alcanzando los US\$ 4.030 por tonelada.

En seis de las últimas siete semanas se ubicó arriba de US\$ 3.500 por tonelada. Y en lo que va del año lleva un promedio de US\$ 3.575, una brecha que sigue ampliándose respecto al año pasado, 6% arriba comparado con igual periodo de 2017.

Y eso sucede con un volumen exportado también por encima al de un año atrás en 3,9%, con 222.425 toneladas.

También en la senda de suba se ubica el valor de exportación de la carne ovina, pero con una brecha interanual aún mayor. En el acumulado del año logró un promedio de US\$ 4.574 por tonelada, un salto de 12% sobre los US\$ 4.084 de un año atrás y con un volumen exportado casi idéntico con un año con otro.

Precios sostenidos

La firmeza del mercado internacional también se observa en la comercialización interna de ganado. Poca oferta de ganados especiales, la llegada de cuadrillas kosher en algunas plantas, la alta operativa industrial han dado sostén a los precios del ganado gordo.

Con amplio margen de valores entre plantas, los valores de punta para los novillos gordos especiales de verdeo se mantiene en US\$ 3,45 por kilo carcasa, aunque concretar negocios por ese precio es una excepción. La referencia se ubica en US\$ 3,40, mientras que las plantas menos urgidas por conseguir ganado ofrecen hasta US\$ 3,30 por ganados buenos, sin que el mercado lo convalide.

En vacas la punta se encuentra en US\$ 3,20, con una referencia de US\$ 3,15 por kilo para las vacas de 450 kilos. Y existe un amplio abanico de valores por peso y calidad, con un piso de US\$ 3.

La llegada de las cuadrillas da un marco de estabilidad al mercado. Había expectativa de que los precios pudieran subir, aunque eso no se ha concretado. Para la reposición, la firmeza del ganado gordo y los verdeos disponibles dan sostén a los valores.

La oferta de ganado de verdeo empezará a crecer, pero no se espera que presione el mercado en el corto plazo.

La participación de novillos de corral se mantendría fuerte en julio y agosto y permitiría mantener una actividad industrial por encima de las 40.000 cabezas semanales.

Sorpresa en la faena

La semana pasada la faena generó sorpresa. Del 17 al 23 de junio totalizó 46.803, 3% superior a las 45.317 de la semana anterior y apenas por encima de la misma semana de 2017, con las plantas de Inaler, PUL y San Jacinto sin actividad. Durante julio no operará la planta de Tacuarembó Marfrig. La participación de las vacas fue destacada, 51% sobre el total, ocho puntos porcentuales superior a la misma semana de 2017, cuando se faenaron 20.043.

### El 17% de los animales faenados provienen de corrales de engorde

27/06/2018 - En el mismo periodo del año pasado se habían procesado un 10% del total.

La faena de vacunos de ganados de corrales de engorde están en un "porcentaje alto", cercano al 17% del total, comentó a Rurales El País el Ing. Agro. Ignacio Buffa, director de la consultora Apeo Agro.

Hasta la fecha la faena acumula 1.157.635 de cabezas, donde 196.798 animales provienen de los feedlots. A igual periodo del año pasado, el procesamiento de vacunos era 0,4% superior y la participación de los corrales cercana al 10%, estimó Buffa.

Entiende que, pese a no lograr discriminar cuántos animales que salen de los corrales son para la cuota 481 y cuántos no, hay "muchos negocios por animales no cuotas que salen de los corrales" e "indudablemente hubo una mayor faena de ganados de corrales no cuotas que otros años".

Baja de faena. A fines de 2017 el Instituto Nacional de Carnes (Inac) proyectó una caída de la faena anual de vacunos en el 2018, después de cuatro aumentos consecutivos, argumentado por una "disminución del rodeo".

El director de Apeo Agro explicó que desde el 2016 los datos de Dicose marcaban que iban a haber unas 200.000 reses menos que se podrían invernarse hacia adelante y hoy el balance dependerá de cómo sigan los niveles de exportación de ganado en pie y de faena.

Aseguró que la faena está en una tasa "altísima" y "probablemente esté faltando ganado de aquí al cierre del año calendario". Y agregó: "Es complicado que aparezca ganado gordo en el segundo semestre fruto del proceso del buen clima, la tasa de extracción de los corrales y mayor área de praderas".





### **Argentina y Brasil, una “amenaza instalada” para la carne uruguaya**

19/06/2018 Devaluación del peso argentino y del real hace “imposible” la competencia de Uruguay en mercados comunes para la carne vacuna.

La fuerte devaluación de la moneda en Argentina y Brasil ha provocado que éstos se transformen en una “amenaza que está instalada” para la carne vacuna uruguaya en los mercados comunes, por ejemplo China y la Unión Europea, comentó a Rurales El País Eduardo Urgal, director de Frigorífico Pando.

Explicó que Uruguay, a través del posicionamiento de los productos en el mundo, ha ganado la capacidad de soportar bajas de precios de los competidores y sostener sus valores temporalmente, pero donde la tendencia se mantenga la situación se convierte “imposible de competir”.

El empresario aspira a que Argentina y Brasil suban los valores de los productos y no sea Uruguay quien deba bajar, dado que “no hay márgenes para desvalorizar el producto en ningún sector productivo y en ninguna actividad privada”. Las industriales locales “estamos con el cinturón lo más apretado posible”, agregó.

Una vez más dijo que cuando Uruguay se pecha en los mercados con estos dos países “se hace imposible competir”. Y entiende que en lo inmediato la situación económica de Argentina y Brasil como competidores de Uruguay es una “amenaza” que está presente.

China. Las perspectivas para el segundo semestre son de “prudencia” en el mercado chino. El director de Frigorífico Pando contó que los importadores están siendo “muy prudentes” en la demanda de carne vacuna y está determinado por los precios.

Urgal remarcó que la “vuelta al ruedo” de Argentina con una posición “bien agresiva” en China está “tomando espacios que atendía Uruguay”, especialmente por los valores del producto. “Es una realidad la vuelta de Argentina al circuito internacional de la carne vacuna y hoy está arañando muy fuerte”, cerró.

### **Un año de certezas para cuota 481**

16/06/2018 - Corrales de engorde buscan otros mercados alternativos, mientras EE.UU. y UE negocian.

La ganadería uruguaya podrá seguir disfrutando de la cuota 481 durante el primer trimestre de 2019, ya que no han surgido novedades en las negociaciones que mantiene Estados Unidos con la Unión Europea, pero en el mediano o largo plazo, este cupo será una complicación.

La cuota 481 nació en el litigio de la carne con hormonas entre Estados Unidos y la Unión Europea, que dejó a la carne estadounidense muchos años fuera del mercado europeo. Con el tiempo fue abierta a terceros abastecedores y Uruguay se fue convirtiendo en el principal exportador con alrededor de 13.500 toneladas, lo que molestó a los abastecedores de Estados Unidos, que comenzaron a presionar a la Unión Europea para hacerse de más volumen cada trimestre.

“Tenemos casi un año por delante con la certeza de que la cuota 481 seguirá funcionando”, destacó el presidente de la Asociación de Productores de Carne Intensiva Natural (Aupcin), Dr. Álvaro Ferrés a El País.

La “sospecha más grande que existe hoy” es que Estados Unidos, si prospera su negociación con la Unión Europea, “se vaya a quedar con una proporción importante de la cuota y que el resto va a quedar entre los países que estamos remitiendo, si es que queda resto o algún tipo de acuerdo”, remarcó Ferrés.

Lo que tienen claro los productores y los frigoríficos uruguayos es que, en el mediano o largo plazo, la cuota 481 no va a quedar tal como está. Mientras tanto, la cadena cárnica uruguaya sigue buscando mercados alternativos para la carne producida en los corrales de engorde, por más que todo el ciclo tenga una base pastoril. La ventaja es no aplicar hormonas, promotores de crecimiento hormonales o antibióticos en la fase de engorde, ya que Uruguay lo tiene prohibido por ley y más allá de la Unión Europea, eso abre las puertas de otros mercados.

El presidente de Aupcin reconoció que China -hoy el principal importador de carne bovina y menudencias, medido en volumen- surge como uno de esos mercados promisorios para la carne de corral o al menos “como un candidato interesante”, mientras se sigue esperando la reapertura de Japón para la carne bovina sin hueso. Ese país tiene un mercado muy acostumbrado a consumir cortes con un grado de marmoleo (grasa intramuscular) alto.

En Uruguay ya se están haciendo experiencias de producción de carne a partir de ganados con 200 días de encierro en los corrales de engorde -la cuota 481 exige 100 días previos a la faena con alimentación a granos- y los resultados son promisorios.

“Creemos que el producto que está llegando es bueno y los frigoríficos con los que estamos haciendo acuerdo tienen satisfacción, por lo tanto entiendo que estamos logrando un producto que se va a posicionar bien en ese mercado”, afirmó Ferrés.

Granos.

El aumento en el precio de los granos, fenómeno que no sólo afecta a Uruguay sino también a toda la región, está complicando bastante a los corrales de engorde, porque los granos son la base de la alimentación. La suba de precios está cambiando los números del negocio y sube los costos.



“Estamos viendo que hay un aumento importante del precio de los granos, debido a los problemas de cosecha que se vieron en los cultivos de verano. El aumento del precio de la comida no lo teníamos presupuestado a principio de año cuando vendíamos ganado. Creo que hasta que esto no cambia, sea por la aparición de los cultivos de invierno, sea cebada o trigo en abundancia y/o los próximos cultivos de verano, los granos van a seguir con un valor alto y por lo tanto los números no son tan interesantes para encerrar ganado”, agregó el ejecutivo.

El principal desafío que tienen hoy los corrales de engorde en Uruguay es reducir los costos de producción y dentro de esos costos, el primero y el más importante, es el precio de los granos.

Es más, los costos son un problema que están afectando bastante la competitividad de Uruguay y su complejo exportador.

La carne está dentro de ese círculo, pues Uruguay exporta más del 70% de lo que produce.

Pero en lugar de quedarse con los brazos cruzados, productores y científicos unen esfuerzos y buscan alternativas para bajar costos. Entre esas alternativas, están las experiencias realizadas por Aupcin y el Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria (INIA), donde se demostró que a menor ayuno de los ganados previo a la faena, más kilos de carne se cosechan en los frigoríficos, se bajan costos de faena por animal y se exporta más volumen.

“Son trabajos que han dado muy buenos resultados, con gran beneficio para toda la cadena productiva, productores, fleteros y la industria. No hay que olvidarse que la industria también tiene sus beneficios en eso porque por costo de animal faenado produce más carne, porque fletea más kilos de carne y porque tiene que tener menos ganado encerrado para faenar al día posterior. Hay una ventaja para todos”, explicó el presidente de Aupcin.

Los corrales de engorde y algunos frigoríficos están haciendo los primeros avances. “Hay empresas que están más dispuestos a hacer este tipo de acciones, pero creo que lentamente el Uruguay va a tener que irse convenciendo de esta ventaja, vamos a tener que ir cambiando lentamente”, dijo Ferrés.

Según su visión, sería una gran satisfacción si en el futuro Uruguay modifica la forma de cargar el ganado, cuando resulta en “un beneficio directo por un concepto de bienestar animal y por supuesto un tema de deshidratación, que hace y redonda en más kilos de carne con el mismo costo productivo. Eso hay que aprovecharlo y entiendo que la industria lo va a ir asumiendo”, agregó.

### **La preñez de bovinos llegó a 75,6% promedio en año difícil por sequía**

26/06/2018 En este año creció la aplicación de Inseminación Artificial a Tiempo Fijo. El porcentaje promedio de gestación bovina no fue tan malo como se esperaba por más que en algunas zonas la sequía le pegó duro a los rodeos. Apenas se perdieron dos puntos porcentuales entre 2017 (el promedio llegó a 77,8%) y 2018, cuando el promedio país cerró en 75,6% sobre un total de 410.428 vientres evaluados por los veterinarios que participaron del XVI Taller de Evaluación de los Diagnósticos de Gestación Vacuna, celebrado ayer en INIA Treinta y Tres. Los datos permiten estimar lo que será la próxima zafra de terneros y el taller es un insumo que enriquece a productores y técnicos, ya que muestra la foto de lo que está pasando en los rodeos de cría, en los predios donde se aplica tecnología, buscando asegurarse los terneros cada año.

“Asumimos que la sequía no pegó tanto en algunas zonas del país, porque las vacas y vaquillonas venían muy preparadas de un invierno y una primavera muy buena”, aseguró a El País el veterinario Pablo Marinho, referente para Cerro Largo (zona noreste). Los vientres entraron con una mejor condición corporal al servicio y se preñaron bien frente a una sequía que fue más bien leve.

Con una parición temprana y un buen nivel de alimentación, para los rodeos fue más fácil enfrentarse a la sequía. Otro año más hubo buenas preñeces en vaquillonas y eso es sinónimo de que los productores están preocupándose por llegar a mejores crías y recrias.

El índice promedio contrasta con el panorama que veían los veterinarios a mediados de enero, cuando se estaban haciendo los diagnósticos de gestación de mitad de entore.

El año que el promedio mostró el nivel más bajo fue 2008/09, donde la seca castigó duro a todo el país y se sintió en el nivel de procreos que fue de 59%. El otro extremo, a lo largo de los 16 años que lleva el taller de INIA, fue 2013 donde climáticamente estuvo todo dado para preñar: 81,5%.

Datos. Este año, Lavalleja y otros departamentos arrojaron un promedio de 73,7% de preñez. Fueron evaluados 93.294 vientres donde se encontraron 68.787 preñadas (referente Gabriel García Pintos). El mismo porcentaje se logró en Cerro Largo con 32.080 vacas diagnosticadas y 23.637 preñadas. En Durazno el promedio llegó a 73,2%, con 81.880 vientres diagnosticados y 59.936 preñados (referente: Santiago Bordaberry). En Paysandú el promedio fue 79,8% con 39.887 diagnósticos y 31.840 preñeces (referente: Lauro Artía). En Rocha se llegó a 77% con 26.317 diagnosticados y 20.258 preñeces (referente: Emilio Machado). Soriano, Colonia, Florida y otros llegaron a 81,4% con 64.220 evaluados y 52.275 preñados (referentes: Pablo Nieto y Gustavo Sacco). En Artigas y Salto el promedio fue 69,2% y fue el más bajo del país, con 30.419 diagnósticos y 21.053 preñeces (referentes: Eduardo y Diego



Texeira). Finalmente en Treinta y Tres el promedio fue 76,8% con 42.332 evaluados y 32.510 preñados (referentes: Juan Martín da Fonseca y Renato Araújo).

Problema. Al mirar hacia adelante, más allá de cómo pasarán el invierno y llegarán a la parición los vientres que hoy están preñados, la preocupación está focalizada en las recrias. Los datos del XVI Taller de INIA está mostrando que en algunos lugares —los más afectados por la seca— las crías entran al invierno con 20 o 30 kilos menos y si no se toman medidas, eso se pagará en futuros entores.

“Va a ser complicado de aquí en adelante, porque hay rodeos que están comprometidos y ganados que recién se están recuperando (de la seca). La ventaja que le vemos todos es que el otoño ha sido bueno y el invierno recién se está manifestando como agresivo, pero no viene tan malo. Hay que trabajar ahora para volver a preñar la vaca en la primavera verano”, afirmó el veterinario Pablo Marinho.

Otro de los problemas es que, como ha venido sucediendo, el año que viene, muchos productores deberán enfrentar colas de parición en sus rodeos y esos vientres que paren tarde, si no se apuesta a la tecnología y al manejo, será difícil volverlos a preñar en 2019.

Siguiendo los estímulos —buenos precios para el ternero y una exportación en pie activa—, los productores apostaron más a la tecnología y “la gente que hizo actividad ovárica trató de corregir las cosas. Se vio un uso mayor de la Inseminación Artificial a Tiempo Fijo (IATF), debido a un tema de costos y porque es menos complicado para el productor. Noté que se está cuidando más la vaquillona. Eso es muy importante”, explicó Marinho.

Menos horas de ayuno antes de la faena eleva el peso de carcasa

Junio 22, 2018 Investigaciones del INIA midieron el impacto de reducir la espera del ganado en las plantas frigoríficas detectando un beneficio anual estimado en US\$ 26,5 millones

A pedido de la Asociación Uruguaya de Productores de Carne Intensiva Natural (Aupcin), el Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria (INIA) llevó adelante un proyecto que constó de dos investigaciones para estudiar las diferencias de peso que pueden tener las carcasas si se produce una modificación en el cambio del horario de carga de los animales, con una correspondiente diferencia en las horas de ayuno.

Según surge de la evaluación, el impacto económico que puede traer aparejada esta modificación en el manejo previo de la faena arroja que se puede obtener entre 3,5 y 3,7 kilogramos de carcasa más por animal, lo que implicaría un aumento de US\$ 11,5 por vacuno faenado.

Según conclusiones del estudio, presentado por el investigador Juan Clariget, del INIA, y por el presidente de Aupcin, Álvaro Ferrés, esa diferencia en los 2,3 millones de animales que se faenan al año puede representar US\$ 26,5 millones, disminuyendo además los costos del flete para el productor y bajando los costos de la industria.

En las dos investigaciones que se realizaron, en una de ellas se faenaron un total de 634 vacunos de feedlot, provenientes de corrales de engorde de distintos productores, que se armaron en dos lotes.

Mientras que a un lote se lo dejó, luego de armado, en las mangas hasta el embarque, al otro se lo devolvía al corral, embarcando por la tarde al primero que pasó la noche en el frigorífico.

En el otro caso los animales quedaban en el corral de engorde recibiendo comida de forma normal hasta la madrugada del día siguiente —alrededor de la hora 6 de la mañana—, cuando era finalmente enviado a la planta.

Ambos lotes fueron faenados al mismo tiempo, uno con muchas más horas de espera en el frigorífico que el otro. Clariget dijo a El Observador que los animales con menor ayuno previo a la faena mostraron carcasas de 3,5 kg más que los del otro lote.

Estudio más estandarizado Para la segunda investigación realizada se faenaron 251 animales Hereford y Aberdeen Angus, pertenecientes a INIA La Estanzuela, que se dividieron en cinco faenas. Los novillos fueron pastoreados en praderas con suplementos de sorgo de grano húmedo al 0,8% del peso vivo.

Para este caso, explicó Clariget —subrayó también la necesidad de que los animales tengan un mínimo de espera en los frigoríficos para desestresarse luego del viaje—, se tomaron en cuenta además los consumos de agua tanto en los predios como en los frigoríficos, entre otros indicadores.

También se armaron dos lotes. Uno de ellos, con una comida más, fue faenado con seis horas de ayuno, mientras que en el caso del otro lote los animales ya tenían 26 horas de ayuno.

El Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria avanza en una segunda etapa del estudio.

Para este caso los animales se sacaban del campo a la hora 7 para armar los dos lotes, quedando uno en las mangas que se embarcaba a la hora 17 para esperar toda la noche en el frigorífico, mientras que para el caso del otro lote volvían al campo y se los dejaba hasta la hora 3 del día siguiente, cuando se realizaba el segundo embarque.

En este segundo estudio se estandarizaron las horas de viaje (cuatro horas) y las dos horas de espera en el frigorífico del segundo lote, arrojando como resultado 3,7 kilos más de carcasa a favor de aquellos animales con menos ayuno, en contraste con los que tuvieron un proceso más tradicional de faena.





Clariget explicó que las diferencias en el peso de las carcasas no se perdieron luego del enfriado de las canales, por lo que los frigoríficos tampoco perdieron kilos de carne 36 horas después de enfriada la carcasa.

### **Salieron 9.265 vientres Angus con destino a China**

28/06/2018 - Tienen por destino la reproducción y hay mucho interés.

Van camino a China 9.265 terneras y vaquillonas Aberdeen Angus, con edades que van de 12 a 16 meses, diente de leche, con destino a reproducción, en el marco de un negocio concretado por la firma Portimor S.A..

El ganado se terminó de embarcar el pasado miércoles en el Puerto de Montevideo y salió con un promedio de 290 kilos, van vacías —todas pasaron por un diagnóstico de gestación— y fueron certificadas por la Sociedad de Criadores de Angus del Uruguay, brindándoles la mayor de las garantías a los importadores chinos.

El Dr. Juan Pablo Acosta, director general para Uruguay de la empresa australiana Wellard (Portimor S.A.) dijo a El País que los vientres Angus uruguayos serán descargadas en la provincia de Jianzhu, pero tienen por destino la provincia de Mongolia, donde se desarrollará un proyecto de producción de carne de calidad.

China es hoy para Uruguay el principal mercado —medido en volumen— para la carne bovina producida por Uruguay y las menudencias, pero al igual que en el sector lechero, también está comenzando a apostar a la producción local, buscando abastecer la demanda creciente de una clase media que va mejorando su poder adquisitivo y está incorporando mayor nivel de proteínas a la dieta. Dentro de ese mayor nivel de proteínas, cada vez se inclina más hacia la calidad.

Acosta explicó que el embarque las terneras y vaquilloncitas tenían un peso mínimo de 220 kilos y un máximo de 350 kilos, además de una excelente clase, con certificación escrita de la Sociedad de Criadores de Angus del Uruguay, además de haber sido inspeccionadas por los compradores chinos.

En cuanto a valores, el principal de Portimor S.A. dijo que las terneras y vaquilloncitas de 200 kilos lograron US\$ 1,90 por kilo libres para el productor, al tiempo que para los vientres más pesados — de 250 a 300 kilos—, el valor por kilo estuvo entre US\$ 1,75 y US\$ 1,80.

Acosta reconoció que China está mostrando mucho interés por el ganado de razas carniceras criadas y nacidas en Uruguay, no descartando que a futuro, se puedan concretar nuevos embarques incluso con otras provincias chinas que también están apostando a la producción de carne de calidad, pero que todavía no cuentan con una base genética sólida que les permita una producción con volúmenes sostenibles en el tiempo. El operador aclaró que por el momento Portimor S.A. no está manejando ni otros mercados, ni otras categorías.

La empresa exportadora (Wellard) creció hasta convertirse en una agroindustria que conecta a los productores primarios de ganado bovino, ovino y de otro tipo con clientes de todo el mundo a través de una cadena de suministro verticalmente integrada. Es un importante comercializador y exportador de ganado transportado por mar en todo el mundo y es el mayor exportador de ganado vivo de Australia, lo que representa aproximadamente entre 25% y 30% de todas las exportaciones de ganado vivo.

Para respaldar sus operaciones y lograr resultados óptimos en el bienestar animal, la empresa posee o controla infraestructura especializada crítica en varias etapas de su cadena de suministro, que incluye instalaciones de cuarentena previas a la exportación ubicadas estratégicamente y una flota de embarcaciones para ganado construidas específicamente.

A su vez, diseña y construye sus propios buques, llegando a tener hoy una de las flotas más grandes que ha sido aprobada por la Autoridad de Seguridad Marítima de Australia (que cuenta con los estándares más estrictos del mundo), así como las más jóvenes y las más avanzadas tecnológicamente.

## **PARAGUAY**

### **RUSIA suspende compras de dos frigoríficos paraguayos residuos de antibiótico**

29 de junio de 2018 Rusia suspendió la importación de carne vacuna de los frigoríficos Frigochaco y Frigonorte, por excederse en el uso del antibiótico oxitetraciclina. En contrapartida, la carne paraguaya está siendo degustada en estos días en la Feria Internacional de Alimentos “Food Taipei”, en China Taiwán.

El presidente del Senacsa, Fredis Estigarribia, confirmó ayer que la Federación Rusa suspendió la importación de carne vacuna de los frigoríficos Frigochaco y Frigonorte. Este último está envuelto en el escándalo de la importación de carne vacuna del Brasil sin la certificación sanitaria de Senacsa y sin licencia previa del MIC.

“Ellos piden que la cantidad máxima que puedan tener en carne esté por debajo de los 10 microgramos por kilogramos y en este caso encontraron más que eso”, declaró ayer a ABC Cardinal el funcionario.



Comentó que la oxitetraciclina es un antibiótico muy común que utilizan casi todos los ganaderos. Explicó que el medicamento se puede aplicar al vacuno como máximo entre 18 y 20 días antes de la faena, o se puede aplicar 45 días o 90 días antes para que ya no esté presente en carne cuando se faene el animal. Señaló que si bien al momento de la entrevista radial todavía no había recibido la comunicación oficial, se interiorizará el problema y buscará una solución. Recordó que Argentina tuvo un problema similar con el mercado de Rusia, y enviaron una contrapropuesta.

“El mercado ruso es nuestro mayor mercado, y la preocupación es que de repente caigan otros frigoríficos. Vamos a ponernos en comunicación con nuestros pares argentinos para ver la propuesta que están haciendo a la Federación Rusa sobre este tema”, manifestó.

Degustación en Taiwán

Por otra parte, la Cámara Paraguaya de la Carne participa por cuarta vez consecutiva de la Feria Internacional de Alimentos “Food Taipei” en Taiwán. El gremio ofrece por tres días una degustación de lomito vacuno a la plancha.

Taiwán es un mercado premium de la carne paraguaya. En el 2017, compró 7.000 toneladas por 34.432.477 dólares. De enero a mayo de este año, compró 2.313 toneladas.

El presidente de la Cámara Paraguaya de la Carne, Juan Carlos Pettengill, espera la aprobación para duplicar el cupo que tiene Paraguay, y llegar a las 20.000 toneladas en el 2019.

### **Carne gana en Rusia y cede en Chile**

23 de junio de 2018 Según Fax Carne, reproducida por la Asociación Rural del Paraguay (ARP) en su página web, Brasil sigue jugando fuerte en Chile frente a la oferta de carne paraguaya en ese país. Los precios de la proteína roja son factores determinantes para ello.

El informe de esta página expresa que a medida que se acerca la zafra de ventas al mercado chileno de julio y agosto, los exportadores paraguayos ven cómo cada vez la industria brasileña se hace más fuerte en su destino por excelencia con base a precios inferiores.

Refiere a información proporcionada por industriales cárnicos de nuestro país, que para los 18 cortes desde Paraguay no se pueden obtener más de U\$S 5.000, porque Brasil coloca esa misma mercadería en un rango de U\$S 4.800 por tonelada.

En tanto que Rusia se afirma como mercado de la carne de nuestro país, aunque los precios no convencen del todo.

Según Fax Carne, exportadores paraguayos de carne a ese mercado destacan la permanencia de la demanda rusa, aunque advierten por un enlentecimiento de los negocios y precios que no terminan de afirmarse.

Según informe del Senacsa, del 1 de enero al 31 de mayo de este año, Rusia compró carne bovina de nuestro país 43.885 toneladas; mientras que Chile, en el mismo periodo, adquirió 28.364 toneladas.

Un hecho muy comentado fue que integrantes de la selección de fútbol de Uruguay que participan del mundial de Rusia festejaron un triunfo en ese torneo consumiendo carne paraguaya.

### **Denuncias cruzadas de cohecho**

26 De Junio De 2018 | Denuncia A “Testigos” De Presunta Coima De Us\$ 600.000

El ministro Luis Gneiting, citado en el caso de la presunta coima pagada por Frigorífico Concepción, acudió ayer a la Fiscalía General y habló de que hallaron irregularidades en Senacsa cuando estaba a cargo de Hugo Idoyaga. También apuntó a Carlos Trapani y Fernando Serrati, “testigos” del caso soborno. Aunque el ministro de Agricultura y Ganadería, Luis Gneiting, negó ante consulta de los periodistas que la “contradenuncia” que estaba detallando sea una represalia, no perdió la ocasión para decir que sí le llama la atención “que los mismos que permitieron todo esto (las irregularidades que describió) fueron los mismos que nos denunciaron”. Y para que no queden dudas, citó luego a Hugo Idoyaga (extitular de Senacsa), Carlos Trapani (extitular de Fundasa y de Senacsa) y Fernando Serrati (ganadero).

Idoyaga fue quien dio testimonio, al igual que Trapani, de haber escuchado al dueño de Frigorífico Concepción, Jair de Lima, y a su abogado, Pedro Ovelar, decir que habían pagado coima para que se les levantara la prohibición a exportar. El ministro Gustavo Leite (MIC) debía recibir US\$ 500.000, y la esposa de Gneiting, US\$ 100.000, de los que adelantaron US\$ 300.000, según testimoniaron ante fiscalía.

Gneiting dijo ayer que fue a la Fiscalía General para preguntar si podían presentar su denuncia como parte de la causa ya abierta. Le aconsejaron que sea en un caso independiente, según contó a su salida.

Una de las irregularidades se habría dado en Fundasa, la entidad formada para administrar la vacunación antiaftosa, pero donde en realidad se abrió un monopolio en el que estaban implicados los tres: “presidente Trapani, fiscaliza Idoyaga y el proveedor es Serrati”, alegó el ministro al resaltar que era un negocio de US\$ 30 millones al año, e iba para 10 años.

Cargó también sobre las espaldas de anteriores autoridades de Senacsa –incluido de nuevo Idoyaga– la responsabilidad del ingreso de carne importada, algunas de forma irregular, en frigoríficos habilitados para



exportar, lo que está prohibido por propia resolución de Senacsa. Dijo que tenían pruebas y testigos de estos hechos.

Citó, además, que hubo manipulación en el Sistema de Gestión de las Oficinas Regionales (Sigor) y falta de incorporación de Senacsa a la Ventanilla Única de Importación, lo que de por sí ya sería sospechoso. “Acá se denota que todo el sistema era vulnerable, fácil de corromper. Había demasiadas falencias, y siempre les encontramos (en estos hechos) a las mismas personas (Idoyaga, Trapani y Serrati)”, expresó Gneiting, quien acudió acompañado por el nuevo presidente de Senacsa, Fredis Estigarribia.

Asimismo, el titular del MAG dijo que también descubrieron la contratación sin concurso de 748 funcionarios, aunque no especificó bien si se refería al Senacsa o a Fundasa.

A otro nivel, señaló que estas dos entidades son responsables de una especie de estafa a 1.200 casas expendedoras de vacunas, que se prepararon, invirtieron para proveer las antiaftosas, “y al final no se les autorizó a operar”, lo que ahora se ha revertido al liberar la venta de vacunas, enfatizó.

Están “a disposición”

En otro orden, los ministros Leite y Gneiting se pusieron ayer a disposición de los fiscales Nelson Ruiz y Yolanda Portillo, quienes investigan el escándalo de la denuncia de coima y soborno. Ambos presentaron escritos. Gneiting lo hizo sin abogado. Pidió que el hecho se esclarezca porque afecta su “reputación”, en tanto que Leite se puso a disposición con el patrocinio de los abogados Osvaldo Granada Salaverry y Alberto Bertón Planás. Estos dos profesionales también representan a su primo Emilio “Tiki” Cubas, otro involucrado como supuesto nexa de la coima.

27 de junio de 2018 | ministro oficializará denuncia contra idoyaga ante la fiscalía

Carlos Trapani dijo ayer que las acusaciones del ministro de Agricultura, Luis Gneiting, sobre supuestas irregularidades en Senacsa son desesperadas y parecen “cohetes pirotécnicos”.

El ministro de Agricultura y Ganadería, Luis Gneiting, junto con el nuevo titular del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Fredis Estigarribia, habían denunciado verbalmente el lunes ante la Fiscalía General hechos irregulares ocurridos en el Senacsa durante la gestión de Hugo Idoyaga. Están relacionados a supuestos manejos irregulares de traslados, sanitación de animales y fiscalización de frigoríficos, entre otros.

Al respecto, Trapani calificó de desesperadas las acciones del titular del MAG, pues vienen después de que el nombre de este y de otras autoridades haya sido involucrado en aparentes pedidos de coima. “Creo que lanzaron cohetes pirotécnicos”, declaró ayer a ABC Cardinal. “La verdad, es hasta medio contradictorio todo lo que están haciendo. Lo único que puedo decir es que estoy muy tranquilo y sobre todas estas acciones desesperadas que están haciendo, bueno, allá ellos. Tengo entendido que fueron a declarar ayer (por el lunes) sobre la denuncia que se había hecho en su contra y creo que de paso lanzaron algunos cohetes pirotécnicos”, expresó.

Según lo señalado por Trapani, en el sector esperan que la justicia investigue los hechos, a fin de aclarar todo lo que realmente ocurrió.

Gneiting, al igual que el ministro de Industria y Comercio, Gustavo Leite, fueron mencionados por Idoyaga, Trapani y Fernando Serrati, por supuestamente haber pedido el pago de coima de US\$ 600.000 al industrial cárnico Jair Antonio de Lima, dueño de Frigorífico Concepción, para levantar la prohibición de exportar carne vacuna a los principales mercados, que el Gobierno dispuso a raíz del escándalo de la carne ingresada sin los permisos correspondientes.

Precisamente, después de esa denuncia vino el contraataque de los denunciados. Al respecto, Gneiting dijo ayer en conferencia de prensa que tras haber presentado verbalmente el caso ante la fiscalía general Sandra Quiñónez, hoy lo presentaría por escrito.

En todo momento, el ministro responsabilizó a Idoyaga de diversos hechos irregulares. Incluso, dijo que el extitular de Senacsa permitió la importación de carne vacuna y que la mercadería sea llevada a plantas frigoríficas habilitadas para la exportación de carne; así como la no implementación de ventanilla única para trámites.

### **SENACSA ajusta controles sobre los animales**

21 de junio de 2018 El titular del Senacsa, Fredis Estigarribia, solicitó un informe respecto al funcionamiento del Sigor en la institución. “Necesito saber cómo está el sistema que se utiliza para conocer todo el movimiento de animales”, expresó.

El Sigor es la red informática del sector público más grande del país al servicio de la ganadería paraguaya.

Estigarribia se reunió con técnicos de Senatics y de la comisión de informática de la Asociación Rural del Paraguay.

Espera que en un mes pueda contar con un diagnóstico y a partir de ahí ver si hace falta hacer algunos ajustes, indicó.



Por otra parte, en relación al escándalo de la carne, Estigarribia dijo que están ajustando los controles, haciendo rotar a los técnicos de la institución en los distintos frigoríficos, así como en los puestos de Aduana.

“Estamos ajustando los controles, ajustando ciertos detalles que anteriormente estaban un poco desajustados. Estamos cambiando gente, llevando más gente en los frigoríficos, haciendo rotaciones y también en los puestos de Aduanas, poniendo más gente y ajustando los horarios”, expresó.

### **Sistema SIGOR es muy vulnerable, según MAG**

28 de junio de 2018 El Ministerio de Agricultura y Ganadería (MAG) recaba datos del funcionamiento del sistema Sigor y de las oficinas regionales del Senacsa para garantizar las gestiones ganaderas, a raíz de denuncias recibidas de que en 2014 y 2015 se habrían hecho movimientos virtuales de ganado. Al respecto, el ministro Luis Gneiting sostuvo que dicho sistema es muy vulnerable y modificable, lo que es un riesgo si cae en mano de personas inescrupulosas.

Ya hay equipos de trabajo para auditar los departamentos denunciados, según dijo.

Gneiting, quien supuestamente iba a recibir parte de la coima que frigorífico Concepción habría pagado para poder exportar de nuevo, ya habló del tema Sigor cuando hace unos días acudió justamente a la Fiscalía y adelantó que presentaría una contradenuncia contra quienes testimoniaron en el caso soborno, que también salpica al ministro de Industria y Comercio, Gustavo Leite.

## **UNIÓN EUROPEA**

### **Comisión Europea se dispone a renegociar Acuerdo ACP**

Brussels, 22 June 2018

Today, the European Commission received authorisation from the Council to open negotiations for a new partnership agreement with countries in Africa, the Caribbean and the Pacific (ACP).

The European Commission welcomes the Council decision allowing to launch the negotiations with the ACP group of States in the coming weeks. The existing framework, known as the Cotonou agreement, is due to expire in February 2020.

On this occasion, Commissioner for International Cooperation and Development, Neven Mimica, said: “We are ready to embark upon a modern and dynamic partnership with our partners in Africa, the Caribbean and the Pacific. This new partnership will be a powerful tool to jointly tackle global challenges – from fighting poverty and inequality to peace and security, from climate change to sustainable growth for all.”

The key objectives of the negotiations are:

To secure a new legally binding framework adapted to today's realities based on a modern and forward-looking agenda.

To explore new ways to achieve key interests and better address global challenges, such as inclusive growth, investment, job creation, sustainable development, peace, security and migration issues, human development, fundamental freedoms, human rights, rule of law and democratic principles.

To build a powerful alliance in international fora, as the EU and ACP countries represent more than half of the UN membership.

To develop a more tailored approach to Africa, the Caribbean and the Pacific.

To draw lessons from 43 years of EU-ACP collaboration in order to nurture the sustainable development roadmaps in place (UN2030 SGDs Agenda, Paris Climate Change Agreement, European Consensus on Development, Africa Agenda 2063, etc).

Background

The EU-ACP partnership is one of the oldest and most comprehensive legally binding frameworks of cooperation the EU has with third countries. Uniting more than one hundred countries and over 1.5 billion people, the Cotonou Agreement is set to expire in February 2020. Its provisions foresee the opening of negotiations on a future partnership by August 2018 at the latest.

## **ESTADOS UNIDOS**

### **Ganado encerrado alcanzó un récord: fue el mayor desde que se recopila el dato**

28 de junio de 2018 El volumen de ganado encerrado en EEUU destinado a faena alcanzó un récord para junio, de acuerdo al último reporte del USDA Cattle on Feed.



Al 1 de junio totalizó 11,6 millones de cabezas, 5.000 menos que en mayo pero el mayor volumen para junio desde que hay registros. La cifra muestra una suba interanual de 4% con 457.000 cabezas más que en igual mes del año pasado.

El ganado en feedlot ha registrado aumentos interanuales por 18 meses consecutivos y en 26 de los últimos 28 meses. Se ha ubicado por arriba de los 11 millones de cabezas en los últimos ocho meses, con los máximos en Texas, Nebraska y Kansas.

El aumento de ganado encerrado se produce en un escenario de precios de granos más bajos, condiciones de pastoreo y pastizales más pobres y una sequía intensa y prolongada en gran parte del suroeste, apuntó Farm Bureau (FB).

"Es probable que el aumento de ganado encerrado presione a la baja los precios, motivo por el que los productores buscarán enviar el ganado a faena en los próximos meses", apuntó FB.

The June 1 cattle on feed report showed a feedlot inventory of 11.553 million head of cattle in feedlots of more than 1,000 head capacity. This is the largest June 1 feedlot inventory in the data series that began in 1996. It is the eighteenth straight month of year over year increases and, in fact, feedlot inventories have been increasing year over year for 26 of the last 28 months. Using a twelve month moving average of feedlot inventories (which removes seasonality and allows month to month comparisons of feedlot totals) shows that the current monthly average feedlot inventory is the highest since November, 2012.

The on-feed total for June 1 was 104.1 percent of last year. The rapid buildup in feedlot inventories last fall and early 2018 peaked in March compared to last year with a feedlot inventory 108.8 percent of one year earlier. As was noted at the time, early placements fueled by poor winter pasture conditions doesn't change to overall number of cattle and is offset later with smaller placements. May placements were just fractionally higher than last year and followed two months of year over year decreases. May placements were higher than average analyst expectation but not out of the range of guesses. Longer term, cattle numbers are still increasing and a general trend of growing feedlot inventories is expected for several more months at least. Placement patterns the last few months have impacted the timing of feedlot production and the fed cattle market has been struggling a bit under the weight of bunched fed cattle supplies in the second quarter.

May marketings were 105.4 percent of last year, in line with pre-report expectations. Annualized monthly average feedlot marketings began increasing in late 2015, following the herd expansion that began in 2014. Current twelve month monthly average feedlot marketings are at the highest level since November, 2011. Increased feedlot marketings translate into increased cattle slaughter and increased beef production. Increased beef production in the second half of the year will depend on the how much cattle slaughter increases and on how much carcass weights rebound from last year's decline. At the current time, annual beef production is projected to be up 4.0-4.5 percent year over year.

May feedlot placements included a 9.8 percent year over year increase in placements under 700 pounds, likely augmented by poor summer grazing conditions in some areas that likely deflected some cattle into feedlots. At the same time, placements of cattle over 700 pounds were down 4.6 percent from last year. This suggests that feedlot cattle supplies will tighten relatively in the third quarter. Fed cattle prices are expected to be lower year over year in the second half of the year but the timing of fed cattle marketings will reduce the price pressure relative to the second quarter.

### **Sequía impone un reto a los productores. Liquidan planteles**

June 22, 2018 In dry weather with short pastures, Missouri cow-herd owners face tough culling decisions. One way to match cows' needs to available grass is to sell cows.

Give careful thought to which grass eaters go first, says Eric Bailey, University of Missouri Extension beef nutritionist. Under drought stress, identifying those cows becomes urgent.

The first cut is simple, Bailey says. Even the best herds have poor performers that need to be culled. Sell cows not pregnant or nursing. There is no feed for freeloaders when forage is short.

"Next, cull lactating cows with bad disposition, bad eyes, bad feet or bad udders," Bailey says. "Now's time to remove cows with blemishes or poor-doing calves."

"Everyone has a cull list," he adds. "But they hesitate to act if a cow has a calf." Some culling helps even in good years. Culling poor cows improves herd averages.

The goal: Keep best genetics in the herd as long as feasible. Finally, lack of feed or water forces a move, Bailey says.

Downsizing goes beyond simply getting rid of bad cows.

Early weaning and selling calves can cut feed demand. That provides needed cash but can hurt annual income.

Another strategy calls for splitting a herd into young and old females. Sell one of the groups. Two- to 4-year-olds may have superior genetics, but older cows show success in the farm's management.

Overall, culling depends on forage outlook for summer, fall and winter feeding.





Level of destocking can differ from farm to farm in the same neighborhood. Rainfall patterns vary greatly. At the recent spring sales of Show-Me-Select heifers, farmers frequently told how they received rain while farms a few miles away had none.

Bailey points out that in typical years, two-thirds of forage yield comes in spring growth. One-third comes in fall growth. That's when winter stockpiling should happen.

Missouri producers with cool-season grass always deal with summer slumps.

Bailey cautions: Even if rains return, forage yields in 2018 will likely be below normal. Farmers already see low yields following harsh winter and spring grazing seasons.

Most producers already face hay shortages. Many have no reserves. Also, hay growth this year falls well below normal.

A big long-term problem will be winter feed, Bailey says.

Many farms face severe destocking. "Initially consider a 25 percent cut," he says. "If normal rains don't return, consider another 25 percent later."

Selling calves early in spite of revenue loss may take care of downsizing needs.

A 50 percent cut ahead of fall forage growth may allow stockpiling pastures for winter grazing. That cuts feed buying but depends on a return of rainfall.

The main advice is to plan downsizing, Bailey says. Management improvements, such as shorter breeding seasons, not year-round calving, can benefit.

For optimists, drought-induced culls can be beneficial. It forces decisions and management.

To clarify thinking, Bailey offers a final thought: "Producers who last longest in cow-calf businesses are not those who make the most money in good years. They are those who lose the least in bad years."

MU Extension regional agronomy and livestock specialists can help plan.

### **Alta producción de carne bovina continuará presionando en el mercado**

June 20, 2018 As expected, supply pressures continue to build in beef markets. Beef production so far this year is up 3.6 percent on larger cattle slaughter and increased carcass weights. Year to date cattle slaughter is up 3.8 percent driven by increases in female slaughter. Heifer slaughter is up 8.0 percent year over year and cow slaughter is up 8.1 percent so far this year. Beef cow slaughter is up 12.2 percent and dairy cow slaughter is 4.5 percent more than last year. Steer slaughter is up a scant 0.1 percent year over year.

Cattle carcass weights are up year over year after dropping sharply in 2017. Overall carcass weights are up about 5 pounds for the year. Steer carcass weights are up nearly 7 pounds while heifer carcass weights are up over 8 pounds year over year for the year to date. Cow carcass weights are also up nearly 8 pounds compared to last year. Steer and heifer carcass weights have bottomed seasonally and will increase to seasonal peaks in the fall but the question will be how much and how fast will the seasonal increase in carcass weights be compared to last year. Beef production is typically larger in the second half of the year and continued year over year growth in beef production is expected to contribute to annual beef production growth over 4 percent year over year in 2018.

In 2017, unexpectedly strong domestic and international beef demand provided extra support for cattle and beef prices in the face of growing beef supplies. To some extent that has continued in 2018, though not as pronounced as a year ago. After holding quite firm through May, boxed beef prices were under pressure into mid-June with Choice boxed beef price dropping about \$5/cwt. last week. Large beef supplies are weighing on markets and the challenge may grow moving into the summer doldrums between July 4 and Labor Day. However, relative fed cattle supplies are expected to tighten in the third quarter.

Fed cattle prices have declined seasonally but are holding generally better than expected. Remember in early April when June Live Cattle futures dropped under \$100/cwt. and have since traded as high as \$110/cwt. and now are trading about \$108. Of course, June isn't over and the next couple of weeks could have a big impact on commodity markets as the reality of a trade war settles on markets. Feeder cattle prices have declined seasonally from spring peaks but have remained quite robust thus far.

There are a variety of supply and demand factors to watch in the second half of the year. Beef production will be determined by slaughter rates but even more by carcass weights moving forward. Drought conditions do not appear to be causing significant herd liquidation at this time but the threat is still there. Further slowing of heifer retention and herd growth (in part due to drought conditions) continues to add to female slaughter and could continue through the end of the year.

The uncertainty, volatility and reality of a trade war will likely have greater negative impacts on beef and other markets in the second half of the year. Beef trade in early 2018 has been very supportive to cattle and beef markets but this could change going forward. Beef markets may be directly impacted in terms of exports but significant, if not bigger, impacts may be the indirect result, for example, of reduced pork exports and increased domestic supplies of competing meats. A multitude of markets are likely to be impacted and impacts will pulse through markets in a complex set of primary and secondary effects and more. The net effect is difficult to sort out though there is no doubt it is negative.



### **Exportaciones de carnes bovinas buen desempeño en abril de 2018**

June 21, 2018 USDA's Economic Research Service (ERS) published the U.S. monthly meat and poultry trade data for April. Those data are on a carcass weight equivalent basis. Both beef and pork export tonnage exceeded expectations, while chicken remained lackluster. Beef posted the largest April on record on a tonnage basis, surpassing 2017 by 16%. Pork tonnage posted the largest month ever, coming in at 548 million pounds, with strong gains to Mexico, which was up 41% compared to a year ago.

ERS reported that the U.S. sold beef directly to 93 different countries during April. In order of size, the top six destinations were: Japan, South Korea, Mexico, Canada, Hong Kong, and Taiwan. Year-over-year, large percentage gains occurred to Mexico (rising 31%), Taiwan (up 19%), Canada (increasing 11%), and Japan (up 9%). Values also increased, up 20% for beef and variety meat exports during April.

During April, ERS reported pork exports went to 76 different countries. Pork export trends by country were mixed even though the total increase in tonnage was large, up 18% year over year. Pork exports saw decreases from Hong Kong (-68%), Taiwan (-44%) Japan (-8%), and Canada (-5%). Increases were led by Mexico on a tonnage basis up 53 million pounds (up 41%), followed by South Korea gaining 32 million pounds (up 70%), and other countries bought 17 million pounds more compared to last year. Sales to Caribbean countries also had a small increase. The value of fresh, frozen and chilled also climbed and was up 14% on April 2017, totaling \$480 million for the month of April.

April data precludes many of the new announcements that were made regarding tariffs on pork from Mexico and is likely too early to see changes from China's new tariff regime. New trade policies from U.S. trade partners are difficult to assess because there are so many moving parts in these dynamic markets. Exchange rates, individual product elasticities, and relative values to other countries create a moving target to forecast.

### **Proyección de la producción de carnes de 2018 fue modificada**

13 June 2018 US - USDA's Office of the Chief Economist released their monthly World Agricultural Supply and Demand Estimates (WASDE) report yesterday, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Also, yesterday the monthly Consumer Price Index (CPI) was released. Based on those data, USDA's Economic Research Service (ERS) calculated their monthly retail meat and poultry prices for May (the data available here). In the WASDE forecasts for 2018, US beef production was reduced by 0.3 per cent from the prior month's, and pork was lowered by 0.2 per cent. Underlying the beef change was cattle dressed weight, which has been lower than expected.

Still, 2018's US beef and pork output are anticipated by USDA to be above a year ago by 3.6 per cent and 4.4 per cent, respectively. For 2019, compared to last months forecasts, WASDE meat and poultry US production numbers were unchanged.

Regarding international meat trade, the only significant WASDE change was increasing US pork export tonnage by 1.3 per cent (up by 75 million pounds). They also raised 2019's forecast for pork exports by 0.6 per cent (40 million pounds), surging foreign sales to a new all-time high of 6.165 billion pounds. If realized, US pork exports (meat only, not including variety meats) would be 22.3 per cent of production.

It is important to note that USDA forecasts are based on current known domestic and foreign policy and tariffs. So, for example, USDA did not incorporate prospects of retaliation to US intentions to establish additional tariffs on Chinese products.

### **Farm Bill: Senado avanzó en su tratamiento**

TheCattleSite News Desk 14 June 2018 US - Yesterday, the Senate Agriculture, Nutrition, and Forestry Committee held a mark-up of the Senate version of the 2018 Farm Bill. The Committee voted to advance the bill on a 20-1 vote.

National Cattlemen's Beef Association (NCBA) Executive Director of Government Affairs Allison Rivera issued a statement in response, saying: "The National Cattlemen's Beef Association is pleased to see the positive step of moving the Senate bill out of committee successfully.

"This brings us closer to providing producers with the certainty they need to focus on their operations and feed the world.

"While areas of improvement remain, the Senate bill does include some important provisions that address the priorities of America's cattlemen and women.

"We look forward to working with Congress during the next stages of the legislative process, and ultimately passing a new Farm Bill before the September 30, 2018 deadline."

### **CHINA levanta prohibición sobre FRANCIA y el REINO UNIDO**

28 June 2018 - China has agreed to lift a ban on imports of British beef that was imposed over a BSE crisis in the 1990s, finance minister Philip Hammond has announced.



Mr Hammond commented on his delight upon agreeing with Chinese Vice Premier Hu Chunhua to lift the BSE-caused ban on British beef. "This is great news for British farmers," he said on Twitter.

European Supermarket Magazine reports that Mr Hammond is visiting Beijing this week.

The agreement allows official market access negotiations to begin, said a government statement, adding that the process typically takes around three years.

The move comes after Prime Minister Theresa May's trade mission to China in January, when she said China had agreed to lift a ban on British beef exports within the next six months.

Growing Market

China is the world's fastest growing beef market, with imports last year of 700,000 tonnes, worth about \$3.3 billion.

Beef imports from Britain have been banned since the 1990s following outbreaks of bovine spongiform encephalopathy (BSE), commonly called mad cow disease.

British beef exports to China are expected to be worth £250 million (\$328 million) in the first five years, said the statement.

The deal comes as Britain prepares to leave the European Union next year, its biggest market for agricultural products.

"Today's announcement is a huge coup for British businesses who want to access global trading opportunities as we leave the EU," said International Trade Secretary Liam Fox in the statement.

Other European countries ahead of Britain in getting access to China's beef market include Ireland, which now has full access, and France, which expects to be able to ship product by September this year.

TheCattleSite News Desk

China lifts French beef ban as PM ends visit

AFP AFP•June 24, 2018 Chinese Premier Li Keqiang (R) speaks during a meeting with France's Prime Minister Edouard Philippe (L) and French business leaders at the Great Hall of the People

China signed a deal Monday to lift a ban on French beef and said discussions to buy Airbus planes remained open as French Prime Minister Edouard Philippe ended a four-day visit.

The beef ban was imposed over a decade ago as Beijing started closing off its markets to all European imports, and later to US beef imports, in the wake of the "mad cow" disease scare.

Philippe and Premier Li Keqiang oversaw the signing of an agreement to lift the embargo, which French producers say will put their beef back on Chinese plates by September.

"We are already in contact with Chinese buyers," said the president of French beef industry group Interbev, Dominique Langlois, who said the aim was to export 30,000 tonnes per year.

The accord was the culmination of an agreement reached when French President Emmanuel Macron met Chinese leader Xi Jinping in Beijing earlier this year.

China had also committed to buying 184 single-aisle A320 Airbus planes during Macron's January visit, but the deal has not been finalised.

"We are ready to continue discussions on the purchase of Airbus planes in a timely manner," Li said.

Airbus could stand to benefit if China's looming trade war with the United States prompts Beijing to favour the European aerospace giant over US rival Boeing.

"I am happy that China has confirmed its strong willingness to finalise the commitments made in January regarding Airbus," said Philippe, who also met Xi on Monday.

A total of 18 agreements were signed in the fields of science, medicine, tourism and energy.

French nuclear group Orano and China National Nuclear Corp announced an agreement for preparatory work on a used fuel processing and recycling plant in China.

The nuclear deal, valued at more than 20 billion euros (\$23.4 billion), has been in the works for a decade and could now be concluded this year.

Beef import deal with China whets French appetite

BEIJING (Reuters) - France moved closer on Monday to exporting beef to China by clinching a health and safety accord with Beijing, raising the prospect of sales to a booming Chinese market just as U.S. beef shipments are threatened with tariffs.

France has been pushing for effective access to China's beef market after securing last year the lifting of an embargo that dated back to the mad cow disease crisis in Europe two decades ago.

China has been loosening such longstanding restrictions on beef imports to feed the appetite of the country's growing middle class for steaks and ribs, and has in the past couple of years cleared the United States and Ireland, like France a member of the European Union, to export beef.

China is now the world's second-largest beef importer, taking in almost 700,000 tonnes of the red meat in 2017, worth about \$3.3 billion, with volumes up 20 percent from the year before, according to Chinese customs.



Monday's technical agreement on hygiene and inspection requirements, signed during a visit by French Prime Minister Edouard Philippe, means France will be able to export to China once meat companies that have applied for access receive their permits.

China's proposed retaliatory tariffs against a range of U.S. goods including beef could also help France by stalling U.S. shipments after they resumed last year.

"Good news for the French beef sector for which the Chinese market is opening," French President Emmanuel Macron said in a Twitter post.

The agreement came after Macron had pledged during a visit to China in January to obtain market access within six months, and offered a trade success amid inconclusive discussions to sell Airbus aircraft.

China's premier Li Keqiang, speaking to reporters after the deal was signed at Beijing's Great Hall of the People, said it would "let Chinese consumers very quickly consume more high quality French beef and other agricultural goods."

French meat industry association Interbev said it expected actual beef exports to China to begin in September, after China has granted licenses to seven slaughterhouses that have applied.

The import agreement signed with Beijing allows France to export both chilled and frozen beef, it added.

The exports could bring relief for beleaguered French cattle farmers who have been struggling for years with low prices linked to declining domestic consumption of beef and cheaper foreign supplies.

## **EMPRESARIAS**

### **BRF vendió acciones de Minerva. Participación en la empresa se redujo al 6,8%**

25/06/18 - por Equipe BeefPoint Importante acionista da Minerva Foods desde outubro de 2014, a BRF diminuiu drasticamente sua participação na empresa na última sexta-feira. Em dificuldades financeiras e com uma operação de capitalização cada vez mais aventada pelo mercado, a BRF vendeu, em bloco, cerca de 8 milhões de ações da Minerva, obtendo pouco mais de R\$ 55 milhões. A intenção da BRF de realizar uma venda em bloco ('block trade') foi antecipada pelo Valor.

Com operação da sexta-feira, a BRF completou um movimento que teve início na primeira semana de junho – a empresa já vinha se desfazendo de papéis da Minerva, mas de forma mais discreta.

No entanto, a venda em bloco fez a fatia da BRF na Minerva cair a menos de 10% do capital da empresa de carne bovina, o que disparou a obrigação de divulgar a informação à Minerva. No fim da noite de sexta-feira, a Minerva informou à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) ter recebido uma carta da BRF comunicando a redução do capital acionário.

A BRF, que tinha 11,6% (26 milhões de ações) do capital da Minerva no fim do primeiro trimestre, informou que sua participação na companhia alcançou 6,8% (15,2 milhões de ações) em 22 de junho.

Na prática, a BRF vendeu 10,8 milhões de ações ao longo de junho. A urgência da empresa de obter os recursos a fez amargar um expressivo prejuízo contábil. Em 2014, quando recebeu 29 milhões de ações da Minerva em pagamento pela venda de dois frigoríficos de bovinos em Mato Grosso, as ações estavam cotadas a R\$ 12,17. Na sexta, os papéis da Minerva fecharam a R\$ 6,87.

Na venda em bloco de sexta-feira, por exemplo, a BRF vendeu as ações da Minerva por R\$ 7,02, de acordo com duas fontes consultadas pelo Valor. Trata-se de um prejuízo contábil de 42,3%. Considerando as cerca de 8 milhões de ações vendidas no leilão de sexta-feira, a perda é de R\$ 41,2 milhões.

No mercado, a avaliação é que os ativos que a BRF tem à venda – como as ações da Minerva – são insuficientes para dar conta dos problemas enfrentados pela empresa, que tem elevado índice de endividamento. Segundo fontes do setor, a BRF precisará de alguns bilhões para vencer a crise.

Ontem, o colunista Lauro Jardim, do jornal "O Globo", informou que o CEO e presidente do conselho da BRF, Pedro Parente, terá como uma de suas primeiras missões decidir se a empresa fará um aumento de capital de R\$ 4 bilhões.

### **Frigorífico Florida (URUGUAY) comenzó esta semana con la faena de vacunos**

21/06/2018 - La planta contará con una capacidad máxima de 1.700 cabezas semanales.

Frigorífico Florida reinició esta semana la faena de vacunos, después de ocho años sin actividad. "El martes fue la primera faena de la semana y prevemos más procesamientos para hoy y mañana", comentó a Rurales El País Jorge Carro, gerente de la empresa.

La primera faena fue con 42 animales y se prevén cerrar la semana con 160 cabezas más. El negocio está enfocado, en primera instancia, para el mercado interno. Aunque ya cuentan con la habilitación para la exportación. "Vamos a ir probando la fábrica de apoco", agregó Carro.

La planta logró la habilitación internacional para terceros países y, seguramente, en los próximos meses quede aprobada para vender mercadería a Brasil, el Caribe y Hong Kong, adelantó el gerente de Frigorífico Florida. Al momento están procesando vaquillonas y vacas.

La compañía pertenece a un grupo de capitales chinos, que posee el 51% del paquete accionario, y otro venezolano encabezado por César Zambrano con el 49%. Carro explicó que el manejo del



emprendimiento será llevado a cabo por el grupo gerenciador y en agosto el grupo asiático se instalaría en el país.

Perspectivas. El frigorífico contará con una capacidad máxima de faena de 1.700 cabezas semanales, pero dependerá de los “avances en las instalaciones de la planta”, de la “demanda de los mercados internacionales” y la “oferta de ganado disponible”, señaló Carro.

Además explicó que están evaluando la posibilidad de realizar faena con destino a Israel. “El tema está en estudio por las exigencias que impone el país y las reformas que se deben realizar. Seguramente estaremos tomando la decisión en los próximos dos o tres meses”, cerró.

### **Minerva se aprobó creación de subsidiaria en CHILE**

26/06/18 - por Equipe BeefPoint

O conselho de administração do frigorífico Minerva Foods aprovou nesta segunda-feira (25) a criação de uma subsidiária da companhia no Chile, informou a empresa em comunicado ao mercado.

A Minerva opera 26 fábricas de abate de bovinos das quais 11 no Brasil, 6 no Paraguai, 3 no Uruguai, 5 na Argentina e 1 na Colômbia, com capacidade total de abate de 26.380 cabeças de gado por dia. A empresa já possui escritório e dois centros de distribuição no Chile.